



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ELSA FERREIRA SILVA COELHO DE LEMOS

**A UTILIZAÇÃO DA LIBRAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA
SURDOS**

MOSSORÓ

2017

ELSA FERREIRA SILVA COELHO DE LEMOS

**A UTILIZAÇÃO DA LIBRAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA
SURDOS**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Orientador: Prof. Me. Francisco Varder Braga Junior

MOSSORÓ

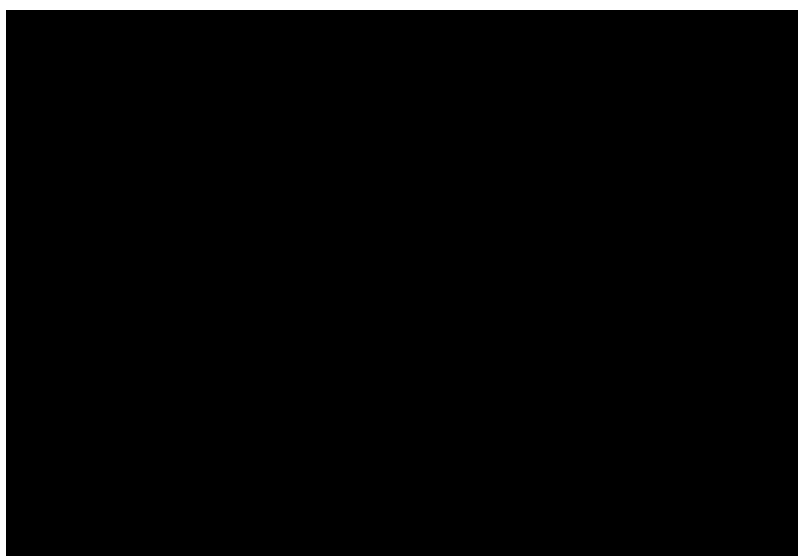
2017

A UTILIZAÇÃO DA LIBRAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA SURDOS

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Defendida em: 01 / 07 / 2017.

BANCA EXAMINADORA



Suplente, Profª Ma. Kezia Viana Gonçalves
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço a algumas pessoas que considero como anjos aqui na terra: a minha amiga Ana Paula pela confiança depositada em mim. As amigas Raquel Souza, Ana Cristina, Maria Lobato, Adriana Torres, Alane Lobato, Anizete da Silva, Ricardo Oliveira pelo incentivo e apoio constante. Em especial a Aldenora Bezerra por acreditar no meu trabalho e a todos os funcionários do CAS – Centro de Atendimento ao Surdo – Natal/RN o meu eterno agradecimento.

Agradeço também ao meu esposo, José Coelho, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. A minha madrinha Denise e a minha família que estiveram presente em todos os momentos.

Muito agradecida ao meu amigo e excelente profissional Júlio César que disponibilizou o seu precioso tempo no abstract da minha pesquisa.

A todos os professores do curso em especial a Glauênia Alves pela paciência e orientação nas atividades durante o curso.

Ao meu orientador Varder Braga, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente estiveram presente nessa trajetória, o meu muito obrigada.

"Nós não devemos deixar que as incapacidades das pessoas nos impossibilitem de reconhecer as suas habilidades."
(HALLAHAN E KAUFFMAN, 1994)

RESUMO

Ao longo da história existem conhecimentos de vários processos que marcaram a vida educacional dos Surdos. Desde períodos que foram considerados como deficientes, incapazes, desapropriados de seus direitos e da possibilidade de escolhas, a períodos de mudanças na forma de compreensão e buscas por propostas educacionais que contribuíssem no desenvolvimento da sua comunicação e aprendizagem significativa. Várias foram às abordagens aplicadas à educação de surdos, tais como: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. Atualmente, a escola Bilíngue vem sendo proposta pela legislação a qual possibilita que a maioria dos Surdos use a LIBRAS como forma de comunicação e escolarização. A LIBRAS é considerada como língua materna para o surdo e sua utilização faz-se necessário na mediação da aprendizagem para que as possibilidades cognitivas e conceituais aconteçam. Desta forma, este estudo objetiva-se a refletir sobre as práticas de alfabetização/letramento da Língua Portuguesa (L2) para o surdo, partindo da perspectiva visual e linguística da LIBRAS (L1) o qual procura demonstrar a necessidade do uso da LIBRAS no processo de ensino e aprendizagem da L2, apresentando estratégias pedagógicas para o ensino da Língua Portuguesa (L2) com a utilização da LIBRAS (L1) como língua de instrução. O trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, cujo instrumento de coleta foi observações realizadas durante o atendimento aos alunos surdos, no Centro de Atendimento ao Surdo, Natal-RN, entre os meses de agosto a novembro de 2016. Os sujeitos pesquisados foram 15 alunos surdos, de 12 anos e 16 anos de idade, oriundos de escolas públicas regulares que cursavam o sexto e sétimo ano do ensino fundamental. A análise dos dados baseou-se em verificar se os alunos surdos sabiam identificar a escrita das palavras na Língua Portuguesa. Os resultados demonstraram antes da utilização da estratégia os alunos se comunicavam muito bem através da LIBRAS, mas quando passava para o português escrito não sabia a que se referia a palavra apresentada, bem como a partir da imagem de algo concreto os alunos sabiam os sinais ou vice-versa, mas desconheciam a escrita do nome na Língua Portuguesa do objeto que lhes eram apresentados. Após aplicabilidade da estratégia observamos a motivação dos alunos surdos em aprender a L2, sendo superada a dificuldade apresentada inicialmente. Contudo, o estudo mostrou a importância do ensino da L2, tendo a LIBRAS como mediadora, utilizando-se do contexto social e do cotidiano no âmbito escolar, despertando o interesse e a participação do aluno para o conteúdo proposto. Dessa forma, a estratégia utilizada serve de base para o letramento de alunos surdos.

Palavras-Chave: LIBRAS; LÍNGUA PORTUGUESA (L2); ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.

ABSTRACT

Throughout history, there are knowledge of various process that marked the Education life of the deaf. Since the periods that they were seen as disabled and unable persons, their rights and possibilities of the choices were dispossessed in the periods of changes in the way of the understanding and searches for the educational proposals that contributed in the development of the communication and meaningful learning. There were many approaches applied to education of the deaf, like oralism, total communication and bilingualism. Nowadays the Bilingual Education has been proposed by the legislation that permits the majority of the deaf can use LIBRAS as form of the communication e schooling. LIBRAS is considered the language maternal to the deaf and its application is necessary on the mediation in the learning to happen the cognitive and conceptual possibilities. This way, this study aims thinking about the practices of the literacy of the Portuguese language(L2) to deaf, from the visual and linguistic perspective of the LIBRAS (L1) which seeks to demonstrate the need of using LIBRAS in the process of teaching and learning of the L2. Presenting the pedagogical strategies to the teaching of the Portuguese language (L2) on the using of LIBRAS (L1) as a Language of instruction. The method used was a descriptive research with quantitative approach and in the data collection was made observations during the assistance to the deaf students in the Centro de Atendimento ao Surdo, Natal-RN, from August to November in 2016. The individuals surveyed were 15 deaf students, from 12 to 16 years old that study at the regular public school in the 6th and 7th of the elementary school. The analysis of the data was based on the verifying if the deaf students knew to identify the written word in the Portuguese language. The results demonstrate before the using of the strategy that the students communicate with each other very well by the LIBRAS. But when it turned to written Portuguese language they did not know the meaning of the written word. Then the deaf students know the signs from the concrete images or vice versa, however they did not know the written presented objects in the Portuguese language. After the application of the strategy, we saw the motivation of the deaf students to learn the L2, consequently the difficulty presented in the beginning was overcome. However, the study showed the importance of teaching of the L2, using LIBRAS as mediator, the contextual social and the daily life were utilized in the school environment, awaking the interest and the participating of the student to content proposed. Therefore, the used strategy serves as the base to the literacy of the deaf students.

Key words: LIBRAS; PORTUGUESE LANGUAGE (L2); PEDAGOGICAL STRATEGY.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado em que as línguas ocupam lugar importante no progresso da integração através de projetos institucionalizados de políticas. De um lado, encontram-se os Estados que regulamentam quais as línguas que devem tornar-se oficiais de ensino e de outro quais se realizam negócios. E o português, língua de expansão continental, assenta suas bases tanto na condição de oficial como na de língua de mercados (SALLES, 2004).

Os Surdos, por sua vez, vivem no Brasil expostos a língua Portuguesa diariamente, mesmo tendo a sua língua oficializada, o que os impedem muitas vezes de ter acesso a determinados direitos ou informações. Uma das concepções muito utilizadas na escola é a do ensino da língua portuguesa como um código a ser decifrado. Nesse conceito o professor ensina as regras aos alunos como se esse conhecimento os tornasse capazes de usar corretamente a língua. A língua está pronta para ser aprendida pelo sujeito.

[...] Nesta concepção, a principal função da linguagem é a transmissão de informações. A língua é vista como um código, que obedece a um conjunto de regras que responde pela organização dos sons, das palavras e das estruturas frasais. (PEREIRA, 2005, p.12)

Quando a língua é vista como forma de interação social e constituição dos sujeitos parte-se do princípio de que a língua não está pronta, mas ela é construída no dia a dia. Ao professor cabe a tarefa de ser interlocutor do processo de ensino e aprendizagem, de oportunizar aos alunos o acesso. Concepção esta chamada de interacionista ou dialógica.

No final dos anos 80, por influência das ideias de Vygotsky e de Bakhtin principalmente, a linguagem passou a ser concebida como atividade, como lugar de interação humana, de interlocução, entendida como espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos. Nesta concepção, a língua não está pronta de antemão, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la, mas é re(construída) na atividade de linguagem. (PEREIRA, 2005, p.13)

Portanto a educação para surdos precisa ser repensada, pois muitos chegam a escola com um atraso linguístico e quando se trata do ensino da Língua Portuguesa para alunos Surdos, as regras são tratadas pelo viés da hegemonia da língua oficial, pois a LIBRAS “muitas vezes apresenta uma escrita que não atende aos padrões da norma culta da língua

oficial” (ALBRES, 2010, p. 43) mediante a sua estrutura, primeira língua (L1)*, que possui estrutura própria e é realizada em uma modalidade gesto- visual, “que é o meio e o fim da interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira” (QUADROS, 2006, p. 15). O fato é que, nas escolas, torna-se difícil o acesso à Língua Portuguesa (L2)** para alunos surdos, mediante a falta de formação para professores sob uma perspectiva do uso e funcionalidade da LIBRAS enquanto língua, bem como ausência de intérpretes, além de políticas públicas diversas e efetivas de inclusão da Língua de Sinais nas escolas do país.

Uma decisão de especial relevância para educação dos surdos no Brasil foi tomada pelo Congresso Nacional, ao sancionar a Lei Federal nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que declara nos seus três primeiros artigos:

- Art.1º: É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
- Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.
- Art.2º: Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.
- Art.3º: As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

O Decreto nº 5.626/2005 regulamentou esta Lei e a estendeu inserindo a LIBRAS com obrigatoriedade nos diversos cursos de formação de professores, incluindo o curso de fonoaudiologia, garantindo o acesso dos surdos na Educação Básica e ao Ensino Superior.

É essencial para o processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos surdos a apropriação da Língua Portuguesa como L2, porém para que isso aconteça faz-se necessário a utilização dessa língua por meio da Libras facilitando a compreensão e a escrita do português, ou seja, uma educação bilíngue, proposta defendida por Góes (1996), Quadros (1997, 2004) e Salles(2004) ao destacar que o bilinguismo é uma proposta de ensino que

* L1 ou primeira língua para o surdo é a língua de sinais. (FIGUEIRA, 2011, p.32)

** L2 ou segunda língua para o surdo é a língua portuguesa na modalidade escrita. (FIGUEIRA, 2011, p.32)

considera a LIBRAS como a primeira língua dos surdos que deve ser aprendida o mais cedo possível, e a Língua Portuguesa escrita como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da LIBRAS.

De acordo com Silva (2008), uma educação bilíngue de surdos deve inserir em seu currículo a língua de sinais e a escrita da Língua Portuguesa como segunda língua em sua completude, incluindo métodos de ensino focados na característica visual e na cultura dos surdos.

O Bilinguismo aceita e convive diretamente com a diferença, procurando aproximar e facilitar a comunicação entre crianças surdas e a família ouvinte. Defende a filosofia do aprendizado da língua materna e natural (de sinais) e como a segunda a língua oficial do país.

A proposta da educação bilíngue para surdos pode ser definida como uma oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas e como um reconhecimento político da surdez como diferença (SKLIAR, 1998, p. 1).

Dessa forma, pode-se compreender que as pessoas surdas formam uma comunidade com cultura e identidade e a sua língua apresenta estrutura própria igual a qualquer outra língua, como coloca Quadros e Karnopp (2004) que exploram e exemplificam os níveis fonológico, morfológico e sintático de análise da LIBRAS, além de discutirem sobre a relação entre a Linguística e a LIBRAS.

De acordo com Quadros (2008, p.83), existe três formas de aquisição da L2:

1. A aquisição simultânea da L1 e L2 – ocorre com crianças que são filhas de pais que usam duas línguas diferentes ou usam uma língua diferente da língua usada na comunidade onde vive.
2. A aquisição espontânea da L2 não simultânea: pode ocorrer com pessoas que vão morar em outro país onde é usada outra língua.
3. A aprendizagem da L2 de forma sistemática: descreve a situação de escolas de língua estrangeira, ou seja, a aquisição ocorre em um ambiente artificial e de forma sistemática, através de metodologias de ensino. Diferente quando a criança é exposta a sua L1, a sua aquisição ocorre espontaneamente e de forma natural.

Nesse sentido, Quadros (2008, p. 83), “considera a terceira opção para a aquisição da L2 para crianças surdas”. A autora ainda enfatiza que a LIBRAS é adquirida pelos surdos de forma natural, sem ser ensinada, desde que esteja exposta a ela, esta será a sua primeira língua. A aquisição da língua portuguesa deve ser assegurada através de um trabalho

sistemático relacionado ao ensino formal. Essa necessidade formal do ensino da língua portuguesa escrita evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda.

De acordo com Scliar-Cabral (1988), na comunidade surda, a L1 é essencial, pois as pessoas surdas precisam aprender uma língua de sinais para garantir o desenvolvimento da linguagem e do pensamento e a L2 é necessária para as pessoas surdas dominarem o conhecimento para fazer valer seus direitos diante da sociedade ouvinte que está inserida.

Considerando que muitos surdos são filhos de pais ouvintes, se comunicam usando a LIBRAS e desconhecem a escrita das palavras na língua portuguesa, surge o questionamento sobre como a escola pode contribuir no processo do ensino do português escrito para os alunos surdos?

Será de grande utilidade e importância que o surdo aprenda a Língua Portuguesa como (L2), pois lhes trará mais autonomia e liberdade nas suas escolhas principalmente no meio educacional, como também ao acesso a livros, artigos, revistas, placas de sinalização, letreiro dos ônibus dentre outros.

Partindo dessa premissa o presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre as práticas de alfabetização/letramento para o Surdo da língua Portuguesa (L2) partindo da perspectiva visual e linguística da LIBRAS (L1) e como objetivos específicos compreender o uso da LIBRAS no processo de ensino e aprendizagem da L2; Reconhecer estratégias pedagógicas no ensino da Língua Portuguesa (L2) utilizando sempre a LIBRAS (L1) como língua de instrução.

Um dos desafios que os profissionais de educação enfrentam no ambiente educacional são as estratégias didáticas ou práticas pedagógicas que desperte o interesse dos educandos.

E quando esses educandos são surdos, o desafio parece ser maior, pois a função do professor é realizar o atendimento de forma complementar ou suplementar à escolarização. O ensino do português escrito pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira como a primeira língua do educando, facilitando o processo de alfabetização da L2.

A língua de sinais é uma língua visual-espacial e existem muitas formas criativas de explorá-la. E para os alunos que estão se alfabetizando em uma segunda língua precisam ter condições de compreender o que se escreve. Isso significa que serão necessários vários instrumentos para que o educando chegue à compreensão, provocando o interesse pelo tema trabalhado por meio de uma discussão prévia do assunto ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de brincadeiras ou atividades que os conduza a compreensão do que está sendo estudado.

A aprendizagem adicional ocorre quando as pessoas têm a oportunidade de praticar e aplicar o que aprenderam dentro de um ambiente acolhedor tendo feedback imediato e apropriado. Aprender é uma atividade social que se aprimora através da colaboração e o intercâmbio de ideias e perspectivas entre as pessoas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, buscando compreender as ideias preconcebidas dos conceitos específicos sobre o tema através de dados bibliográficos, a partir de referências teóricas de Quadros (2008), Goes (1996), Skliar (1999), Karnopp (2002), Salles (2004), publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas da web e principalmente a partir das observações durante o atendimento a alunos surdos, procurando saber se esses alunos sabiam identificar a escrita das palavras na língua portuguesa.

Todo o acompanhamento foi realizado no CAS – Centro de Atendimento ao Surdo em Natal-RN, entre os meses de agosto a novembro do ano de 2016. O atendimento ocorria duas vezes por semana, nas segundas e quartas-feira, das 13:30 às 15h com um grupo composto por 15 alunos surdos entre 12 anos e 16 anos de idade oriundos de escolas públicas regulares, cursando sexto e sétimo ano do ensino fundamental II.

Pensando na autonomia dos alunos surdos e iniciando as observações e emprego da estratégia pedagógica, foi lançada a proposta de organizar um passeio a feira livre e adquirir ingredientes para uma salada de frutas. Os alunos compraram e pagaram as frutas necessárias para a salada, trabalhando dessa forma a interdisciplinaridade, envolvendo a Matemática, Português, Libras e Conhecimento de Mundo. Conheceram variedades de produtos, preços, entenderam se o valor que possuíam em dinheiro seria ou não suficiente para comprar algum produto e se teria troco.

De volta à sala de aula foi explorado quais as frutas que compraram, qual o sinal da fruta e iam escrevendo no quadro o nome da fruta a medida que faziam o sinal. Foi perguntado quais as letras que estavam formando as palavras e explicando que as vogais e

consoantes juntas formam o alfabeto que formam as sílabas, as palavras, as frases e consequentemente os textos.

Em seguida foi entregue impresso várias figuras de frutas, os sinais e o nome das frutas misturado para os alunos organizarem corretamente.

Foi criado e entregue um texto incluindo o nome de todas as frutas que compraram na feira, com o título *A Feira*. Todos teriam que visualizar o texto e sublinhar as palavras que não conheciam. Cada educando ia a frente apresentar em Libras o texto escrito na língua portuguesa, uma estratégia didática defendida por Svartholm (1998), a única forma de assegurar que os textos se tornem significativos para os surdos é interpretá-los na língua de sinais. Continuando a aula, foi criado e entregue outro texto escrito na língua portuguesa e pedido para os educandos apresentasse em Libras, com o título *Um dia diferente* pedindo que circulassem as palavras desconhecidas, separasse em sílabas identificando a quantidade para fazer a classificação quanto ao número de sílabas. Outras atividades empregadas durante o atendimento foi a escrita de frases, o qual pode entrar em outros conteúdos como os pronomes e a conjugação dos verbos encontrados no texto.

Seguindo a mesma ideia de apresentar a palavra a algo concreto foi nomeado tudo que estava na sala, desde a porta, cadeira, quadro, mapa para que os alunos mantivessem contato diariamente com o sinal, o objeto e a palavra.

2.2 Resultados/Discussão

Durante os atendimentos foi percebido que os alunos se comunicavam muito bem através da LIBRAS, mas quando passava para o português escrito não sabiam a que se referia a palavra apresentada. Vários questionamentos surgiram sobre a representação do signo linguístico e Saussure (1913, p.80) quando define signo linguístico, afirma que o signo une um conceito e uma imagem acústica, sendo esta impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho os nossos sentidos (apud BALLY, SECHEHAVE e RIEDLINGER, 2006, p. 80).

Nas línguas de sinais, a imagem acústica (gestual-espacial) também não é o sinal material, coisa física, mas a impressão psíquica dessa imagem. A partir da imagem de algo concreto os alunos sabem os sinais ou vice-versa, mas desconhece a escrita do nome do objeto que está sendo apresentado um sinal ou um objeto.

Ao mostrar as frutas aos educandos, todos sabiam o sinal de cada uma delas, porém desconhecia o nome, a palavra, como era escrita. A partir desse momento comprovei que os

alunos conheciam muitos sinais, se comunicavam em LIBRAS muito bem, mas sentiam dificuldades na escrita das palavras, das frases e dos textos.

Com a informação em mãos coloquei em prática uma estratégia pedagógica que despertasse o interesse dos alunos surdos a aprenderem a L2, pois deixavam claro que não gostavam do português que diziam ser muito difícil e como apresenta Lindberg (1994, apud Quadros, 2004 p.100) em seu estudo sobre a aquisição de L2, deve ser oportunizado aos alunos surdos o uso criativo da linguagem mediante atividades com a língua escrita. Ainda destaca que a dimensão de língua escrita inclui suas numerosas funções e contextos possíveis de ser aplicados.

Anderson (1994, apud QUADROS, 2008 p. 99), salienta que os professores devem saber por que, quando e onde as pessoas surdas usam a língua, pois isso pode dar aos alunos a motivação e o encorajamento necessário para o processo de aprendizagem. É fundamental criar o interesse nos alunos pela segunda língua. A leitura e a escrita devem ultrapassar o âmbito da sala de aula e ser significativa para a vida.

Busquei mostrar que as dimensões de uma segunda língua são amplas, como o acesso a infinitos textos na internet, a participação em concursos, entre várias possibilidades existentes.

Como resultado foi despertado a motivação dos alunos surdos a aprender a L2 facilitando todo o processo de atendimento e aplicação da estratégia estudada. Ao final do período a maioria escrevia o nome das frutas, identificava quando faltava alguma letra na palavra e falava como uma frase na língua de sinais ficava escrita na L2. Classificavam os verbos nas terminações, mas sentiram dificuldades no emprego dos pronomes. O prazer e a satisfação serviram para despertar o significado para o aluno.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obstáculos ou impedimentos que dificultam ou limitam a liberdade de acesso à comunicação e à informação são desafios e não barreiras, especialmente tratando-se de ensino de Língua Portuguesa aos falantes de LIBRAS. Para os fins de uma aprendizagem eficiente, é preciso considerar os avanços técnicos, as metodologias e estratégias oferecidas para o ensino, desde que o produto destas observe que os surdos possuem língua própria, costumes e objetivos comuns.

Uma das metodologias são o ensino de LIBRAS, com estudos, pesquisas e vivências que mostraram o bilinguismo como a melhor maneira atrativa para alfabetização do aluno

com surdez, ou seja, fazer das LIBRAS uma mediadora no ensino de Língua Portuguesa que é a língua falada em nosso país. É necessário oferecer ao aluno surdo metodologias apropriadas para o ensino da Língua Portuguesa, não diferenciando na forma do funcionamento linguístico, mas dando ao aluno possibilidades para o desenvolvimento social, político, emocional e cultural.

O estudo mostrou a importância do ensino da L2, tendo a LIBRAS como mediadora, utilizando-se do contexto social e no cotidiano no âmbito escolar, pois o aluno se mostrou mais interessado no conteúdo apresentado. Apresento esta estratégia como base de sucesso do letramento para os alunos surdos.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. Processos de produção e legitimação de saberes para o currículo de pós em libras na formação de intérpretes...para uma especialização? In: Anais do Congresso de Tradutores intérpretes de Língua de sinais – UFSC. Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010.html>

BRASIL, **Lei nº 10. 436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2002, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436. Acesso em: 06 mai. 2017.

BRASIL, Lei nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 junho 2017.

FIGUEIRA, Alexandre dos Santos. Material de apoio para o aprendizado de LIBRAS. São Paulo, 2011.

GÓES, M. Linguagem: surdez e educação. Campinas, Autores Associados, 1996.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: CAMPOS, S. R. L. e TESKE, O. (orgs). **Letramento e Minorias**. , Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

PEREIRA, M. C. C. Leitura, escrita e surdez. 1. ed. São Paulo: FDE, 2005.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos**: A aquisição da linguagem/ Ronice Muller de Quadros. Porto Alegre: Artmed, 2004

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Estudos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M; SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1º ed. 1997. Reimpressão, 2008.

SALLES, H. M. M. L. **Ensino de língua portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, vol 2. 2004.

SAUSSURE, F. de, 1857-1913. *Curso de Linguística Geral* / Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Sechehave; com a colaboração de Albet Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antonio Chelini, José Paulo paes, Izidoro Blickstein. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Simome Gonçalves de Lima da. Ensino de Língua Portuguesa para surdos: das políticas as práticas pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pósgraduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e aquisição sistemática de segundas línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs.). Tópicos de Linguística Aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC. (Série Didática), 1988.

SVARTHOLM, Cristina. Aquisição de Segunda Língua por Surdos. In: Revista Espaço. Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Educação de Surdos: 1998.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SKLIAR, C. (Org). **Atualidade da educação Bilíngue para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. 270 p. v.2.

